

**Discurso da professora Carla Ferretti Santiago**  
**Diretora do Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas**

Boa tarde, Dom Mol, magnífico reitor da PUC Minas;

Pró-reitores e demais membros da Administração Superior;

Diretores de Institutos e Faculdades;

Boa tarde, a todas e todos que compõem a Comunidade Acadêmica da PUC Minas e, em especial do ICH.

Já há alguns anos, assistimos a um preocupante cenário de ataque às ciências, nacional e internacionalmente. Vivemos em um ambiente cultural de anticientificismo e anti-intelectualismo, com manifestações que põem em dúvida conhecimentos há muito consolidados por diferentes campos das ciências, e que divulgam deliberadamente a desinformação.

Cortes de verbas, perseguições políticas, censuras também acompanham os discursos negacionistas. No caso das Ciências Humanas, os intelectuais de sólida trajetória, investigadores, professores e divulgadores do conhecimento, não raras as vezes são acusados de proselitismo político, doutrinação ideológica, deformação do conhecimento.

Podemos nos indagar das razões a estes ataques. Arrisco, dentre as inúmeras explicações possíveis, algumas possibilidades para o caso das Humanidades. Em primeiro lugar, o conhecimento produzido neste campo é essencialmente crítico: questiona o funcionamento e os valores de nossa sociedade excludente e injusta, e diante disto, realiza a proposição de alternativas. Também porque a centralidade das Humanidades está no respeito à condição humana, em toda a sua rica diversidade. Por este motivo, as Ciências Humanas se posicionam, historicamente, na defesa da vida democrática, na convivência entre os diferentes, na construção das soluções coletivas por meio do diálogo (e não da violência).

Assim, querer silenciar as Ciências Humanas é mais do que uma ignorância, um descuido ou fruto uma escolha de outras prioridades. Silenciar as Ciências Humanas é parte de um projeto, autoritário e violento.

Mas, na PUC Minas, resistimos a tudo isto.

Pois as Ciências Humanas trazem, ainda, outra marca: a da resistência. Poderia aqui multiplicar os exemplos históricos de professores e estudantes das assim chamadas “Humanas” como protagonistas de ações individuais e coletivas de resistência ao autoritarismo e defesa dos valores e da vida democrática. Assim, como afirma o professor

emérito da USP, José de Souza Martins: “Em países como o Brasil, faz parte da ética profissional dos pesquisadores de Ciências Humanas o compromisso com a oposição aos absurdos das ideias dominantes, opressivas, anticientíficas, anti-humanistas, antidemocráticas.”

Aprendemos, nas Humanas, a analisar o presente à luz das experiências passadas. Compreendemos, com isto, a historicidade das coisas. E, assim, aprendemos que “o novo sempre vem”.

O ICH aposta no novo: no mundo melhor, ambientalmente responsável, justo e democrático. Para isto, nos dedicamos com tanto afincamento à formação dos novos profissionais das Humanas, e, procuramos formar professores e professoras que atuem profissionalmente comprometidos com o combate a todas as injustiças e desigualdades, com a preservação da vida em todas as suas formas. No nosso pequeno universo, procuramos exercitar esses princípios e construir ações, no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, que mantêm vivas e atuantes as nossas utopias.

Por isso, para mim, é um orgulho pertencer à comunidade do ICH.

Obrigada a todos e todas dessa comunidade – professores, funcionários e alunos – pela parceria, amizade e empenho na construção desta longa trajetória do ICH, já quase octogenária.

Para as professoras Arabie Hermond e Terezinha Taborda, que também tomam posse hoje, o desejo de muito sucesso e muita alegria no trabalho que competentemente realizam.

Obrigada, Dom Mol, pela reiterada confiança no meu trabalho e por me colocar na liderança de uma comunidade tão rica.